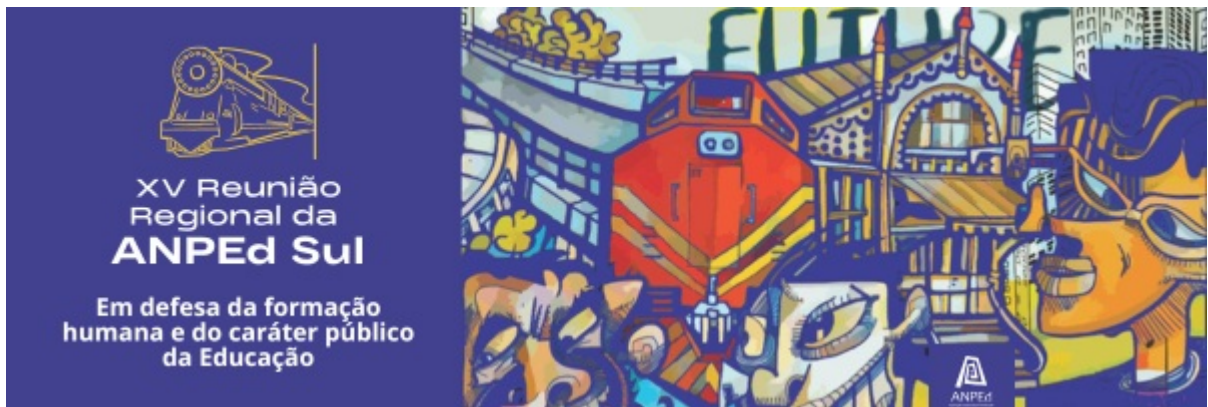




ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16090 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

IMAGENS DE REFERÊNCIA NO ENSINO DE ARTES VISUIAS

Lucas Pacheco Brum - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Maria Cecília Lorea Leite - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

IMAGENS DE REFERÊNCIA NO ENSINO DE ARTES VISUIAS

RESUMO: Este trabalho busca apresentar parte dos resultados de uma investigação de doutorado que se encontra em fase final, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Posicionada na vertente pós-estruturalista, a investigação tem como objeto de pesquisa investigar as interfaces entre as imagens de referência dos/as estudantes do Ensino Fundamental (anos finais), com as imagens legitimadas dos currículos em Artes Visuais, como potências pedagógicas e possibilidades para o Ensino de Artes Visuais. Os/as estudantes colaboradores/as do estudo frequentavam duas escolas públicas, uma do município de Montenegro/RS, com uma turma de 9º ano, com 15 estudantes colaboradores/as, juntamente com a professora de Artes Visuais, e a outra escola era de Brochier/RS, com uma turma de 8º ano, com 12 estudantes colaboradores/as, além da professora de Artes Visuais. O conceito de “imagens de referência”, no estudo, refere-se a uma ferramenta conceitual desenvolvida com a intersecção do conceito de “pedagogias culturais”, dos Estudos Culturais em Educação, como “*ver e ser visto*” dos Estudos da Cultura Visual, como imagens que impactam e são referências nas vidas e nos cotidianos dos/as estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens de referência. Cultura Visual. Interfaces. Ensino de Artes Visuais.

INTRODUÇÃO

A escola é atravessada pelas diferentes imagens da Cultura Visual sem, muitas vezes, os/as professores/as saberem como lidar e agir com elas. Os/as estudantes, principalmente crianças, adolescentes e jovens, são os mais vulneráveis às forças do poder e do grande e complexo universo das imagens e de suas pedagogias que à escola são endereçados. De

maneira avassaladora e ardilosa, as imagens se imiscuem, interferem e perturbam os corpos dos/as estudantes, as salas de aulas, os corredores, as práticas pedagógicas e os currículos escolares. Elas chegam ao espaço escolar carregados de referências visuais e de preferências estéticas. A partir dos/as estudantes as imagens se apresentam nos seus gostos, nos pensamentos, nos seus corpos, nas músicas que ouvem, nos seus telefones celulares e aplicativos móveis, nas redes sociais digitais que socializam, nos seus materiais escolares, nos seus vestuários, nos seus objetos pessoais, nas suas aparências e estilos de vestir e nos modos como falam, andam, se comportam, expressam e agem – ou seja, nos processos de subjetivação.

Desse modo, a escola e o currículo são palco do espetáculo das imagens. Em números exorbitantes, com seus recursos persuasivos de sedução e de desejo, elas vão invadindo, clandestinamente, e incomodando, criando barulhos e forçando espaços nas práticas pedagógicas e na arquitetura curricular do Ensino de Artes Visuais. A disciplina de Artes Visuais, como componente curricular obrigatório de toda Educação Básica, tem como seu embrião, no trabalho pedagógico, o uso com e sobre imagens. Em outras palavras, o processo de Educação em Artes Visuais é permeado por imagens, muitas das quais são convencionadas e legitimamente instituídas pelo teor intelectual e cultural que elas abarcam, mais especificamente as imagens da história da arte, que se apresentam demasiadamente nos currículos escolares, nos planejamentos dos/as professores/as e nos materiais didáticos que orientam as práticas educativas. Essas imagens instituídas como conhecimento legítimo, que ocupam espaços de destaque no currículo, estão, a todo o momento, em posição de conflito e resistência em relação às imagens advindas das diferentes mídias, dos processos midiáticos, das redes sociais digitais e dos cotidianos dos/as estudantes.

Há, portanto, claras dificuldades em relação aos embates entre imagens, imagens da história da arte legitimadas e imagens de referência dos/as estudantes nas composições dos currículos e nos planejamentos escolares. Face ao exposto, no contexto da investigação, indaga-se: como são realizadas as interfaces entre as imagens de referência dos/as estudantes com as imagens legitimadas da história da arte nos currículos escolares de Artes Visuais e nos planejamentos dos/as professores/as, como potências pedagógicas e possibilidades para o Ensino de Artes Visuais?

A concepção de “interface”, na tese, está associada à criação de vínculos e diálogos visuais entre as imagens de referência dos/as estudantes com as imagens da história da arte ou as produções artísticas contemporâneas estabelecidas pelos currículos escolares e pelos/as professores/as nos seus planejamentos escolares. As interfaces têm a pretensão de promover e potencializar discussões, problematizações e processos de trabalhos criativos em sala de aula que favoreçam as construções das aprendizagens e dos conhecimentos dos/as estudantes no Ensino de Artes Visuais.

Para compreender o problema do meu objeto de investigação, o objetivo geral do estudo é o seguinte: investigar as interfaces entre as imagens de referência dos/as estudantes

com as imagens legitimadas dos currículos em Artes Visuais, como potências pedagógicas para o ensino-aprendizagem em Artes Visuais. Em intersecção com o objetivo geral, os específicos são estes: a) identificar as interfaces entre as imagens de referência dos/as estudantes com as imagens legitimadas existentes nos currículos e os planejamentos escolares dos/as professores/as; b) analisar as interfaces entre as imagens de referência dos/as estudantes com as imagens legitimadas dos currículos escolares em Artes Visuais e c) compreender as imagens de referência dos/as estudantes que impactam o currículo escolar em Artes Visuais e os planejamentos dos/as professores/as, como as potências pedagógicas para as interfaces entre imagens para o ensino-aprendizagem em Artes Visuais.

Alinhavada com o problema e os objetivos, a investigação de doutorado encontra-se posicionada na vertente teórica do pós-estruturalismo. Além disso, insere-se no campo das pedagogias culturais, nascido no campo de teorização dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos da Cultura Visual e dos estudos curriculares contemporâneos. Em consonância com essas três matrizes teóricas, que se aproximam, se cruzam, se apoiam e criam potentes discussões e problematizações no campo da educação e da arte/educação, juntam-se também, outros/as autores/as e pesquisadores/as do campo da educação, da filosofia e do ensino de artes visuais, que proporcionam ao estudo a construção de alicerces e subsídios teóricos, conceituais e teóricos-metodológicos, ajudando a compreender, pensar, visualizar, suspeitar e problematizar o objeto de pesquisa.

Em consonância com esses campos de teorização e com as ferramentas conceituais que dão substância e alicerce para a pesquisa, somam-se as ferramentas metodológicas que constituem o desenho metodológico da investigação. Diante disso, o desenho foi feito com rabiscos e linhas de escopos teóricos e conceituais, a partir das metodologias pós-críticas em educação (Meyer; Paraíso, 2021), dentro da vertente do pós-estruturalismo, dos Estudos da Cultura Visual e dos Estudos Culturais em Educação. Para a criação de desenho, foram escolhidas, assim, a abordagem qualitativa (Denzin; Lincoln, 2006), a qual executa funções de recortes no desenho; a proposta da pesquisa-ação (Thiollent, 2011), que realiza sobreposição; e a observação participante (Minayo, 2013), uma das técnicas de produção de dados que permitiu observar antes de desenhar e fazer os ajustes necessários no processo de sua composição.

Juntamente com essa técnica de produção de dados, foram utilizadas também no desenho metodológico o diário visual, que auxiliou a realizar as linhas e os traçados. No desenho, também foram usados outros materiais, como técnicas de produção de dados visuais, como o *Instagram*, o aplicativo *WhatsApp* e o registro fotográfico, como os materiais que compõem a produção de dados visuais. Além disso, foram empregadas outras técnicas que foram aparecendo ao longo do processo da criação do desenho, tais como os questionários de avaliações e os registros reflexivos dos/as estudantes sobre os trabalhos de criações propostos em sala de aula.

AS INTERFACES

As interfaces entre as imagens de referência dos/as estudantes e as imagens legitimadas da história da arte nos currículos escolares de Artes Visuais e nos planejamentos dos/as professores/as, como potências pedagógicas para o Ensino de Artes Visuais, podem ser realizadas de diferentes maneiras. Por exemplo, as interfaces podem ser feitas a partir de um tema gerador, uma questão problema, uma pergunta, uma questão polêmica e até mesmo uma situação vivenciada na escola. Não existe, exatamente, um jeito ou um método para realizar e planejar as interfaces entre os repertórios visuais dos/as estudantes com as imagens oficiais da história da arte.

O processo de criação e de planejamento das interfaces entre imagens pode começar pelos discursos visuais das imagens, pelas práticas de visualização, como os/as estudantes se veem em suas imagens, promovendo questionamentos e reflexões críticas em torno das imagens de referência dos/as estudantes apresentadas nos contextos educacionais. Isso auxilia na identificação dos discursos, dos temas, dos conceitos e das discussões que permeiam as imagens de referência. Destas, podem se originar articulações com as imagens da história da arte. A partir disso, é possível buscar, no escopo das imagens com teor cultural, intelectual e legitimadas da história da arte ou da arte contemporânea, produções visuais que dialogam com as imagens de referência, criando interfaces entre imagens. Dessa maneira, os/as estudantes podem estabelecer relações entre elas, construindo aprendizagens nas quais se reconheçam como protagonistas.

No curso das relações estabelecidas e das discussões que podem emergir das interfaces entre imagens, são esperados processos de produções artística, individuais e coletivas, que ampliem os conhecimentos construídos pelos/as estudantes. Isso não se restringe ao fazer artístico, pois se estende a conhecimento de mundo em torno dos conceitos, das discussões e das problematizações realizadas nas interfaces entre imagens. As imagens de referência, ao serem pensadas, planejadas e incluídas nas composições dos planejamentos pedagógicos dos/as professores/as e dos currículos escolares, juntamente com outras referências visuais, podem propiciar e viabilizar uma variedade de discussões, de assuntos e de conhecimentos que não fazem parte das práticas pedagógicas de sala de aula, dos materiais didáticos e das arquiteturas dos currículos escolares do Ensino Artes Visuais.

Em vista disso, considero que as imagens de referência têm um diferencial ao serem pensadas e problematizadas nos currículos escolares e práticas pedagógicas. Elas podem potencializar a articulação e a miscigenação de outros conhecimentos, assuntos, experiências, culturas, referências visuais, práticas de *ver* e *ser visto* e mediações visuais que estejam consonâncias com a Cultura Visual contemporânea e com os dilemas sociais postos nos cotidianos dos/as estudantes. Entretanto, as composições das interfaces entre imagens são possibilidades de trabalhar e dar relevância aos repertórios visuais dos/as estudantes nas práticas pedagógicas de sala de aula. Diante disso, consideramos que as imagens de referência, bem como a ideia da proposta de interfaces entre imagens, são potências

CONCLUSÕES

Perante o exposto, pudemos compreender que não existe apenas uma interface entre as imagens de referência dos/as estudantes com as imagens legitimadas que constituem os currículos escolares e os planejamentos dos/as professores/as. Há, portanto, uma variedade de interfaces entre imagens que podem constituir os planejamentos dos/as professores/as. Isso depende da maneira e da capacidade de professores/as para o planejamento e abordagem das imagens selecionadas para as criações das interfaces entre imagens. Para mais, a partir de uma mesma interface, podem ser criadas outras.

Nesse sentido, os recortes visuais de duas ou três imagens para a composição de uma interface são capazes de potencializar outras interfaces com outras imagens de outras fontes/meios visuais, inclusive com mais de uma imagem da história da arte. O importante nesse processo de seleção é que os/as professores/as levem em consideração uma ou mais imagens de referência dos/as estudantes, com o repertório visual legitimado que constituem os currículos escolares, colocando essas escolhas em processos de visualização que estimulem os debates críticos.

Entendemos também, como necessário na composição das interfaces entre imagens, trazer para os compartilhamentos de contraposições de falas, de argumentações, de pensamentos, de pontos de vista e de modos de ver, perceber e observar as semelhanças e as divergências. Com isso, as imagens de referência passavam a protagonizar as composições dos planejamentos das interfaces, as discussões promovidas em sala de aula e os processos de criações dos/as estudantes colaboradores/as. Assim, se oportunizaram relevantes conhecimentos artísticos e de mundo, construções de olhares críticos sobre as imagens, experiências significativas e criações de trabalhos artísticos escolares com sentido, autorais e de liberdade de escolha.

Portanto, percebemos que, anteriormente, as professoras colaboradoras pouco consideravam qualquer repertório visual oriundo dos contextos sociais dos/as estudantes colaboradores/as nas suas práticas pedagógicas. O que prevalecia quase sempre, era o cânone visual da história da arte. As professoras colaboradoras, de início, não conseguiam lidar com essas imagens de referência dos/as seus estudantes em sala de aula. Não as entendiam como repertórios visuais capazes de promover aprendizagens. Isso se evidenciou quando elas, algumas vezes, se sentiam desconfortáveis e com olhares de “estranheza” no que se refere a pensar e compor planejamentos nos quais não estivessem incluídos os repertórios visuais já conhecidos e familiares aos seus olhares.

REFERÊNCIAS

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.